



Para além do autoconsumo: a doação e transferência de alimentos por assentados do Rio Grande do Sul

Beyond self-consumption: the donation and transfer of food by settlers in Rio Grande do Sul

BELLÉ, Adilson Roberto¹; NEUMANN, Pedro Selvino²; ZARNOTT, Alisson Vicente³

¹ UFSM, adilsonbelle01@gmail.com; ² UFSM, neumannsp@yahoo.com.br; ³UFSM, alisson.zarnott@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: Este trabalho tem como objetivo demonstrar que as famílias assentadas no Rio Grande do Sul produzem alimentos que excedem ao seu autoconsumo e que são destinados à doação e transferência. O levantamento de dados ocorreu com sessenta e cinco entrevistados nos assentamentos Itapuí/Meridional, Conquista do Imigrante e Ceres no Rio Grande do Sul. Os dados apontaram que 100% das famílias entrevistadas produzem para o autoconsumo. As transferências e doações de alimentos fizeram-se presentes em 88% dos entrevistados, sendo que para 60% deles é prática frequente. Os valores mais elevados transferidos ou doados estão nas famílias que têm a atividade leiteira e a aposentadoria como principal fonte econômica. Os aposentados transferem ou doam em média 33% do total produzido para o autoconsumo. Conclui-se que a produção de autoconsumo, as transferências e doações de alimentos revelam-se importantes no contexto econômico e social da família assentada e para outras pessoas no entorno.

Palavras-chave: doação de alimentos; transferência de alimentos; reciprocidade; assentamentos; dívida.

Introdução

No Brasil o tema da produção de alimentos segue em pauta, mesmo que muito se tenha avançado e o país seja considerado um grande produtor e exportador de alimentos, pois a situação da fome segue presente e sofreu grave acréscimo nos últimos anos, sobretudo no cenário de pandemia mundial da COVID-19 iniciada no ano 2020. Segundo dados do II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, organizado pela REDE PENSSAN (2022, p.37), “são 125,2 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar e 33 milhões (15,5% da população) encontram-se em situação de fome, expressa pela insegurança alimentar grave”.

Os dados da fome no país são alarmantes e muitas iniciativas de doações de alimentos têm sido feitas por agricultores familiares, sobretudo assentados da reforma agrária, de modo a amenizar este problema. Entretanto, a fome é um problema estrutural e necessita de políticas públicas urgentes de redistribuição de alimentos, inclusive no espaço rural, onde a fome também está presente, sobretudo após o desmantelamento de programas sociais de abastecimento alimentar ocorrido nos últimos anos.



Mesmo diante do contexto de insegurança alimentar nacional, em diferentes locais do país a agricultura familiar resiste com seus mecanismos de segurança, como a produção para o consumo, a qual denomina-se produção de autoconsumo.

A característica da agricultura familiar de orientar seus esforços para a produção de autoconsumo é uma herança do campesinato de outrora e aparece nos estudos de Chayanov, na Rússia, no século XIX, o qual aponta que o coração pulsante da unidade de produção camponesa é a relação de equilíbrio entre o trabalho necessário para satisfazer as necessidades de consumo familiar e a força de trabalho disponível (CHAYANOV, 1974). Logo, é a relação entre a necessidade de consumo e a força de trabalho disponível para produzir que permite compreender a dinâmica econômica da unidade de produção camponesa.

Motivados pela perspectiva chayanoviana, desde o final dos anos 1970 vários pesquisadores brasileiros estudam a produção de autoconsumo no campesinato como Heredia (1979), Garcia Jr. (1989), posteriormente, Maluf (2003), Gazolla (2004), Grisa (2007), Dorigon et. al (2020), entre outros.

Entretanto, a produção de autoconsumo, não se restringe apenas à unidade de produção camponesa, pois ela se insere em um contexto econômico mais amplo. Para Polanyi (2000) a produção de autoconsumo, chamada por ele de “domesticidade”, se insere no contexto econômico da sociedade, junto a outras formas econômicas, como a reciprocidade, a redistribuição e as trocas. Na atualidade prevalece o sistema de trocas mercantis, o mercado. Porém, os princípios de redistribuição, reciprocidade e domesticidade, de certa forma coexistem nos tempos atuais, sobretudo no campesinato (SABOURIN, 2009).

Neste contexto de coexistência de outras formas econômicas é que se insere a prática da doação de alimentos que está presente no campesinato, sendo um exemplo concreto da manutenção das relações de reciprocidade. Os alimentos doados ou transferidos pelos camponeses partem, na sua maioria, da produção para o autoconsumo familiar e que se estende para outras pessoas do círculo familiar ou para além dele, na qual a família estabelece laços de amizade ou solidariedade.

Neste sentido, este texto tem o objetivo de demonstrar que as famílias assentadas no Rio Grande do Sul produzem alimentos para além do autoconsumo e que são destinados à doação e transferência para seus circuitos familiares, amigos e pessoas desconhecidas.

Metodologia

O estudo contou com métodos mistos de pesquisa e análise predominantemente qualitativas, utilizando-se da pesquisa exploratória, *survey* e observação direta. O levantamento de dados empíricos ocorreu entre os meses de maio a dezembro de 2019, em três assentamentos do estado do Rio Grande do Sul, sendo:



Itapuí/Meridional, Conquista do Imigrante e Ceres, com um total de sessenta e cinco pessoas entrevistadas.

Resultados e Discussão

Valores monetários da produção de autoconsumo, transferência e doações de alimentos em assentamentos do RS.

Os dados empíricos apontaram que 100% das famílias entrevistadas produzem para o autoconsumo em menor ou maior escala, independente das condições econômicas em que a família se encontra. No Quadro 1 são apresentados os valores monetários médios do autoconsumo, transferências e doações de acordo com o tipo de atividade econômica principal das famílias entrevistadas nos três assentamentos pesquisados. Verifica-se que os valores médios mais elevados de autoconsumo encontram-se na categoria onde a principal fonte econômica da família é a atividade leiteira, com valor superior a R\$ 15 mil reais anuais, equivalentes a 15,25 SM/ano e as famílias com renda externa como principal fonte econômica com os valores médios mais baixos de produção de autoconsumo, ou seja, na faixa dos 5,5 mil reais anuais, equivalente a 5,6 SM/ano.

Já com relação às transferências de alimentos e doações, verifica-se que as médias mais altas estão nas famílias que têm a atividade leiteira e a aposentadoria como principal fonte econômica, com valores médios de R\$ 4.081,88 e 4.004,22 anuais, equivalente a 4,09 SM/ano e 4,01 SM/ano, respectivamente, ou seja, valores médios de R\$ 340,00 reais mensais transferidos ou doados, o que representa, em dados do ano 2019, o equivalente a 0,34 salários mínimos mensais. Por outro lado, as famílias que possuem menores valores de transferência ou doações de alimentos são aquelas que têm como principal fonte econômica a renda não agrícola, com valor médio anual de R\$ 607,85, equivalente a 0,61 SM/ano.

Quadro 1 – Valores totais médios equivalentes em salários mínimos do autoconsumo familiar e transferências ou doações por tipo de atividade econômica principal da família.

Tipo de destino	Valor médio de Autoconsumo/Ano (Salários Mínimos)	Valor médio de Transferências/Doações/ ano (Salários Mínimos)
Aposentados	12,28	4,01
Produtor de hortigranjeiros	10,75	3,29
Produtor de leite	15,25	4,09
Produtor de Soja	11,4	1,43
Renda Não agrícola	5,61	0,61
Outras atividades agrícolas	14,69	1,74

Fonte: Dados da pesquisa de campo.



As transferências de alimentos assumem maior importância em relação ao valor médio produzido para o autoconsumo na categoria de aposentados, produtores de hortigranjeiros e produtores de leite. Observa-se que os aposentados transferem ou doam em média 33% do que produzem para o seu autoconsumo, da mesma forma que os horticultores transferem ou doam 31% e os produtores de leite 27% da sua produção de autoconsumo. Já as demais categorias, como produtores de soja, outras atividades e renda externa tiveram percentuais mais baixos, com 13%, 12% e 11%, respectivamente.

A importância que assume a produção de autoconsumo nas categorias de aposentados, produtores de leite e hortigranjeiros se reflete nos volumes transferidos e doados. Ou seja, onde a atividade do autoconsumo é tida como de maior importância para as famílias, acaba gerando maior volume produzido, conseqüentemente maior valor gerado e resultando também em excedentes que são transferidos à filhos, demais familiares e pessoas que não fazem parte dos círculos familiares.

No que se refere às transferências ou doações de alimentos, a pesquisa mostrou que 88% das famílias entrevistadas fazem transferências ou doações de alimentos em maior ou menor grau. Sendo que para 60% das famílias é uma prática muito frequente, dos quais, 31% a fazem mensalmente, 26% semanalmente e 3% mais do que uma vez por semana. Esta prática ocorre esporadicamente para apenas 28% dos entrevistados.

O Quadro 2 ilustra o percentual de transferências de alimentos nos três assentamentos pesquisados e para melhor compreender a importância que assumem as transferências, elaborou-se algumas classes de valores. Considerou-se a classe de “zero” transferências para aquelas famílias que não fazem nenhum tipo de transferência ou doação, até a classe “acima de 0,51 salários mínimos” que transfere ou doa valores superiores a 0,51 SM mensais. Verifica-se que os maiores percentuais estão nas faixas de valor de 0,01 a 0,10 e 0,11 a 0,30 SM mensais nos três assentamentos pesquisados. Com destaque para o assentamento Ceres onde 50% das famílias transferem de 0,11 a 0,30 SM mensais.

Quadro 2 – Percentual de transferências de alimentos por assentamento conforme classe de valores em SM/mês.

Classe de valores (SM/mês)	Itapuí/Meridional	Conquista do Imigrante	Ceres
	%	%	%
Zero transferência	4%	24%	25%
De 0,01 até 0,10	39%	24%	25%
De 0,11 até 0,30	29%	29%	50%
De 0,31 até 0,50	18%	19%	0%
Acima de 0,51	11%	5%	0%

Fonte: Dados da pesquisa de campo.



Observa-se que mesmo baixo o percentual, ainda assim existem famílias com valores mais expressivos de transferências e doações nos assentamentos Itapuí/Meridional e Conquista do Imigrante, onde 18% e 19% respectivamente, transferem valores na classe dos 0,31 a 0,50 SM mensais. Além disso, 11% das famílias transferem ou doam valores superiores a 0,51 SM mensais no assentamento Itapuí/Meridional.

Conclusões

A produção de autoconsumo revelou-se importante economicamente para as famílias, com valores médios mensais na faixa de 1 salário mínimo, sendo que nas famílias inseridas em sistemas de produção leiteira, o valor médio da produção de autoconsumo foi superior a 1,2 SM/mensais e os valores mais baixos foram encontrados nas famílias cuja renda principal é não agrícola, com valores médios de autoconsumo na faixa de 0,45 SM/mensais. Já em relação às transferências e doações de alimentos, verifica-se que as médias mais altas estão nas famílias que têm a atividade leiteira e a aposentadoria como principal fonte econômica, com valores médios equivalentes a 4,09 SM/ano e 4,01 SM/ano, respectivamente. Assim, constata-se que a produção de autoconsumo, as transferências e doações de alimentos revelam-se importantes no contexto econômico e social da família assentada e para outras pessoas no entorno, sejam eles familiares ou não, mas que se unem em torno de uma economia não mercantil movida pela dádiva e reciprocidade.

Agradecimentos

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo.

Referências bibliográficas

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974. 342 p.

DORIGON, Clóvis; NESI, Cristiano N.; TONEZER, Cristiane; HAAG, Áureo L. A produção de alimentos para o autoconsumo em famílias de agricultores da região oeste do Estado de Santa Catarina. **REDES**. Santa Cruz do Sul; v. 25, edição especial 2, p. 2060 – 2085, 2020.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio. **O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Ed. Marco Zero/UNB, 1989.

GAZOLLA, Marcio. Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto



Uruguai/RS. 2004. 287 f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

GRISA, Cátia. A produção “pro gasto”: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. 2007. 200 f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HEREDIA, Beatriz M. A. **A morada da vida: Trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil**. Última edição, 1979, Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Biblioteca Virtual de Ciências Humanas, 2013.

MALUF, Renato S. (Coord.). Estratégias de desenvolvimento rural, multifuncionalidade da agricultura e agricultura familiar: identificação e avaliação de experiências em diferentes regiões brasileiras. Rio de Janeiro, 2003. 87 p. relatório.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Tradução de Fanny Wrabel. Rio de Janeiro: Campus, 2 ed., 2000.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 336 p.

REDE PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **Insegurança alimentar e COVID – 19 no Brasil**. VIGISAN. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. 2021. 66 p.